

O BRASIL E A GUERRA FRIA

BRIAN CROZIER

"Jornal do Brasil"

2 de agosto de 1964.

Pequenos ou grandes, queiram ou não queiram, todos os países se acham envolvidos na guerra fria.

Na América Latina, essa afirmação pode despertar ceticismo, pois, certamente, pode-se argumentar, a guerra fria é algo que concerne aos Estados Unidos e à União Soviética, ou, em termos mais amplos, ao bloco ocidental e ao bloco comunista.

Todavia, a distância do centro do conflito não assegura a imunidade; tampouco importa o tamanho. O pequeno Zanzibar, a milhares de quilômetros do território comunista, foi envolvido na guerra fria nos princípios deste ano. E o Brasil, o gigante do continente latino-americano, embora distante como se acha de Moscou e Pequim, foi envolvido ainda mais recentemente nos acontecimentos de 31 de março a 2 de abril.

Conforme o General Arthur da Costa e Silva, Ministro da Guerra, afirmou recentemente numa Ordem do Dia, assinalando o 19º aniversário do fim da guerra na Europa:

"Quase vinte anos se passaram. O que parecia ser o fim da última das guerras mundiais foi, de fato, o início de outra, mais insidiosa, pérfida e perigosa: a guerra ideológica contra o mundo democrático e cristão. Até mesmo o Brasil foi atacado

Sob a proteção de nossas próprias leis, usurpando com cinismo característico as mais legítimas de nossas aspirações nacionais, e tirando partido da inércia, indiferença e ambições pessoais, e do desconhecimento de suas táticas da parte de muito de nós, os agressores consideraram-se capazes de se apoderar da nação brasileira pelo lento estrangulamento de seus meios de defesa e de fazer isso sem disparar um tiro. Ela cairia nas suas mãos como um fruto maduro. Eles sofreram um duro revés".

O General Costa e Silva apontou uma das razões mais significativas para os sucessos comunistas nos países democráticos — desconheci-

mento das táticas comunistas. Esse desconhecimento de modo nenhum é peculiar ao Brasil. Com efeito, o desconhecimento das maneiras comunistas foi uma razão pela qual os acontecimentos brasileiros foram amplamente mal compreendidos no exterior.

NECESSIDADE DE COMPREENSAO

No próprio Brasil, a penetração comunista da espécie que ocorreu em muitos setores sob o ex-Presidente Goulart, tende, em geral, a ser considerada como alguma coisa inteiramente desligada da guerra fria — como uma questão simplesmente doméstica na luta familiar entre esquerda e direita.

Quanto à guerra fria, à extensão em que ela é reconhecida como tal, há uma tendência a considerá-la como uma disputa obscura que envolve os Estados Unidos, a União Soviética e Cuba, de pouco interesse para o Brasil.

Na verdade, como espero demonstrar, o comunismo e as atividades dos comunistas brasileiros que precederam a guerra de Goulart são tão parte da guerra fria como, digamos, as tentativas feitas por Moscou para sabotar o Plano Marshall para a recuperação da Europa Ocidental, lançado em 1948.

De fato, conforme o Embaixador americano, Sr. Lincoln Gordon, disse no dia 13 de maio, não está fora da realidade — mantidas tódas as proporções — ver um paralelo entre o Plano Marshall e a Revolução Brasileira, em que ambos foram acontecimentos significativos no deter a marcha do comunismo em áreas vitais marcadas pelos estrategistas do Kremlin como áreas para seus próximos ataques.

Exemplo ilustrativo do generalizado desconhecimento público das táticas comunistas é a costumeira reação à expressão **coexistência pacífica**. Sendo o desejo de paz quase universal nesta era nuclear, é natural que a maioria do povo considere a defesa comunista da coexistência pacífica como prova de intento pacífico. Na verdade, conforme vários comentaristas ocidentais têm assinalado, **coexistência pacífica** e a **guerra fria** são virtualmente sinônimos nas mentes comunistas.

O advento das armas de destruição em massa, contudo, modificou a opinião comunista da coexistência pacífica num aspecto importante.

Nos dias de Lénine e Stalin, coexistência pacífica era considerada como um artifício para retardar a guerra com os chamados países capitalistas até a ocasião em que os comunistas estivessem preparados para ela. Isto não mais é inteiramente verdade. No 20º Congresso do Partido Comunista Soviético em 1956, o sr. Krushev afastou-se da opinião leninista de que a guerra era inevitável entre os Estados comunistas e capitalistas.

GUERRAS JUSTAS E INJUSTAS

Essa mudança foi bem acolhida, dentro de seus limites. Mas tudo o que quis dizer foi que a União Soviética tentaria evitar a guerra nuclear com as grandes potências ocidentais. Ao mesmo tempo, a guerra fria continuaria; além disso, o sr. Kruschew — como seus predecessores — fez uma distinção entre guerras justas e injustas.

De acôrdo com a doutrina de Stalin, como foi exposta na **História do Partido Comunista da União Soviética**, guerras injustas eram aquelas travadas pelas potências capitalistas umas contra as outras ou contra a URSS, enquanto as guerras travadas pela URSS contra outros Estados para libertar seus povos e impor-lhes o comunismo eram justas.

Novamente aqui Kruschew modificou doutrina anterior, mas não num modo que traga mais tranqüilidade para os países não comunistas. Agora a expressão guerra justa é reservada para as chamadas guerras de libertação nacional, tal como a travada sob a direção comunista no Vietname do Sul, que Kruschew, em janeiro de 1961, publicamente descreveu como sagrada.

Na opinião soviética, o apoio a tais guerras — que por definição inclui ação militante por movimentos de oposição — não é incompatível com a coexistência pacífica. Nem é a subversão ou a sabotagem em tôdas as suas formas.

Na verdade, a Declaração Mundial Comunista de dezembro de 1960, a que se acham comprometidas tanto a União Soviética como a República Popular da China, afirmou realmente que a coexistência pacífica significava uma continuação da luta internacional de classe — em outras palavras, da guerra fria.

ORIGEM DA GUERRA FRIA

Vistas algumas das más compreensões comuns, tracemos agora, em largas linhas, o curso da guerra fria.

Os povos soviéticos, bravos e há longo tempo sofredores, emergiram vitoriosos na Segunda Guerra Mundial. A derrota da Alemanha de Hitler e o avanço dos exércitos soviéticos haviam tornado a URSS a mais forte potência na Europa. Entre os aliados de tempo de guerra da Rússia, a União Soviética merecia alta estima e admiração incondicional.

Se Stalin assim o tivesse querido, a camaradagem da guerra poderia ter sido prolongada no tempo de paz, pois a União Soviética achava-se agora militarmente segura. Na verdade, Stalin preferiu considerar a aliança de tempo de guerra como um interlúdio lamentável na permanente luta entre o comunismo e o capitalismo.

Isto, de fato, era bom leninismo da parte de Stalin. Durante a guerra, os piores rigores da hostilidade permanente de Moscou para com os países livres foram atenuados. Agora que a guerra havia acabado, o ditador soviético restaurou as doutrinas do marxismo-leninismo em tôda a sua plenitude.

A 9 de fevereiro de 1946, menos de um ano depois da derrota das forças nazistas, êle fêz um discurso reafirmando a atitude soviética de antes da guerra para com a política internacional. A guerra acabada de terminar, disse êle, tinha sido "o resultado inevitável do desenvolvimento das forças econômicas e políticas internacionais na base do moderno capitalismo monopolístico".

Logo depois, a controlada imprensa soviética lançou uma campanha para restaurar as antigas doutrinas de permanente hostilidade entre os Estados comunistas e o resto do mundo. Em poucos meses, o Partido Comunista Soviético havia restaurado suas garras de ferro sôbre tôdas as esferas do pensamento e sua expressão.

Enquanto isso, com o aumento da pressão antiocidental, a União Soviética aproveitou o fato de que seus exércitos se achavam ocupando a maioria dos países da Europa oriental e central para começar a instalação ali de regimes fantoches.

CHURCHILL NÃO SE ENGANOU

Alguns observadores ocidentais esclarecidos puderam perceber o que estava acontecendo. Um dos primeiros foi Winston Churchill. Perspicaz como sempre, embora não mais em função, o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha em tempo de guerra declarou em seu famoso discurso de Fulton, no dia 5 de março de 1946:

"Ninguém sabe o que a Rússia Soviética e sua internacional comunista pretendem fazer, ou quais são os limites, se houver, para suas tendências expansionistas ... os partidos comunistas ou quintas-colunas constituem um desafio e um perigo crescente para a civilização cristã."

O ano seguinte trouxe duas datas decisivas na história inicial da guerra fria: junho e setembro de 1947.

O PLANO MARSHALL

Em junho, o Secretário de Estado americano, General George Marshall, anunciou seu famoso plano para a recuperação européia com a assistência dos Estados Unidos. (As vezes se esquece que o Plano Marshall, como foi originalmente oferecido, teria incluído a União Soviética e seus satélites europeus. Na verdade, um destes, a

Tcheco-Eslováquia, aceitou o convite americano para consultas preparatórias, mas teve de cancelar a aceitação sob pressão soviética). Desde o início, de fato, Moscou declarou hostilidade implacável ao Plano Marshall.

As razões para essa hostilidade são evidentes. Como marxistas, os líderes soviéticos basearam sua política de pós-guerra na suposição de que os Estados Unidos e a Europa Ocidental em breve enfrentariam graves dificuldades econômicas. De acordo com o dogma, o clamor das massas desempregadas nesses países criaria uma situação revolucionária que possibilitaria aos partidos comunistas locais tomar o poder, se necessário com a assistência militar soviética.

O Plano Marshall ameaçava tornar sem sentido essas suposições, e mais tarde tornou, quando traduzido em ação na forma do Programa de Recuperação Européia.

O COMINFORM

A resposta soviética ao Plano Marshall veio em setembro, a segunda das datas decisivas de 1947, com a criação do Cominform. Lênine argumentara que as economias das potências imperiais européias eram dependentes do fluxo de matérias-primas de suas colônias, principalmente das asiáticas. Se esse fluxo pudesse ser interrompido, as economias européias ocidentais entrariam em colapso. O principal inimigo, contudo, eram agora os Estados Unidos, de modo que todo o possível devia ser feito para cortar seus laços com a Europa Ocidental. Para esse fim, os partidos comunistas da Europa Ocidental deviam sabotar o Plano Marshall organizando greves e fomentando sentimento antiamericano.

Esse plano fôra elaborado em detalhe na época em que foi lançado o Cominform. A conferência inaugural foi realizada na Polónia em setembro de 1947, e o discurso inaugural, pelo então substituto de Stalin, o falecido Andrey Zhdanov, é um documento fundamental da guerra fria. Nêle Zhdanov argumentava que o mundo agora se achava dividido em dois campos, que êle descreveu como "o campo imperialista e antidemocrático", chefiado pelos Estados Unidos e incluindo seus aliados Grã-Bretanha e França, e "o campo antiimperialista e democrático", baseado na União Soviética e nas chamadas novas democracias.

INSURREIÇÃO ASIÁTICA E A GUERRA DA CORÉIA

Logo depois da guerra, os russos estabeleceram uma série de organizações de frente internacionais controladas pelos comunistas — movimentos da juventude, dos estudantes, das mulheres, dos sindicalistas e outros — e êstes agora começaram a desempenhar papel importante na execução dos planos do Cominform.

A primeira das frentes internacionais foi a Federação Mundial da Juventude Democrática, estabelecida três meses depois do fim da guerra. Em fevereiro de 1948, a FMJD e seu ramo, a União Internacional dos Estudantes, convocaram em conjunto uma conferência da juventude asiática em Calcutá. Ali os planos do Cominform para violência na Ásia foram discutidos e aperfeiçoados.

O Cominform não se preocupava mais do que o Comintern com a independência e o bem-estar dos povos coloniais. O objetivo primordial em 1948, como na década de 1920, era enfraquecer as economias capitalistas ocidentais privando-as de matérias-primas asiáticas.

Isso foi demonstrado pelo fato de que as insurreições lançadas sob orientação do Cominform tiveram lugar não apenas na Malaia, que era ainda uma colônia, mas numa série de países que já tinham conquistado a independência: as Filipinas, Birmânia e Índia.

Houve também uma insurreição na Indonésia, que proclamara sua independência três anos antes mas a que a Holanda não tinha ainda transferido plena soberania. (O maior levante no que era então a Indochina Francesa, embora estivesse sob liderança comunista, fôra lançado nos fins de 1946 em circunstâncias especiais que não se relacionavam com o subsequente plano do Cominform).

As insurreições de 1948 foram tôdas, em graus diferentes, estranhas às necessidades dos povos que os comunistas alegaram representar. Tôdas foram derrotadas ou reduzidas à impotência, embora na Birmânia e nas Filipinas ainda hoje em dia haja rebeldes comunistas armados.

Na Malaia, os terroristas comunistas conseguiram consideráveis sucessos iniciais, por meio de assassinatos de plantadores, emboscadas de funcionários e ataques às plantações. O principal sofredor, porém, foi o povo comum da Malaia, especialmente os seringueiros de plantações de borracha, que foram torturados e assassinados em grande número para impor obediência às ordens comunistas.

Essa insurreição não foi oficialmente declarada derrotada até 1960. Então, a Malaia se achava independente havia três anos — e, na verdade, a vitória sobre os terroristas foi conquistada por um acelerado programa de independência bem como pela decidida ação por parte das Forças de Segurança britânicas e malaias.

Durante oito anos, de 1946 a 1954, a guerra fria foi continuada, do lado comunista, com base numa contínua expansão e pressão inflexível.

Não é necessário descrever essa base pormenorizadamente, mas alguns acontecimentos significativos foram: o golpe de estado comunista na Tcheco-Eslováquia em fevereiro de 1948; o bloqueio soviético de Berlim naquele ano; a vitória comunista na guerra civil chinesa em

1949; o pacto sino-soviético e a agressão comunista contra a Coreia do Sul em 1950; e a vitória comunista na Indochina em 1954.

Nos fins da década de 1940 e nos princípios da década de 1950, os principais centros de pressão comunista foram na Europa e Ásia. Nos fins da década de 1950, o Oriente Médio e a África passaram a merecer maior atenção; e hoje em dia, na década de 1960, a América Latina tornou-se num grande teatro da guerra fria.

A reação de Stalin à emancipação das colônias asiáticas do Ocidente, como vimos no princípio destes artigos, foi atizar insurreições nesses países para fins comunistas.

O plano foi ganhar o controle das revoluções nacionais no Sul e Sudeste da Ásia. Ele fracassou, e Krushev, como sucessor de Stalin, tirou certas conclusões desse fracasso.

No 20º Congresso do Partido Comunista Soviético, êle declarou que em certos países poderia ser possível alcançar o socialismo (isto é, o comunismo) sem guerra civil; mas se a "classe exploradora" recorresse à violência, então haveria "uma violenta luta revolucionária".

Definindo as condições em que o socialismo poderia ser alcançado pacificamente, disse Krushev:

"A conquista de uma maioria parlamentar estável apoiada por um revolucionário movimento de massa do proletariado e todo o povo trabalhador poderia criar para a classe trabalhadora de uma série de países capitalistas e antigos países coloniais uma oportunidade real para unir a esmagadora maioria do povo sob sua liderança e garantir a transferência dos meios de produção básicos para as mãos do povo."

Como acontece com tôdas as declarações comunistas, esta significa coisas diferentes conforme o leitor entenda ou não a prática marxista.

Para um marxista, por exemplo, "classe trabalhadora" não significa os trabalhadores como uma classe, significa o Partido Comunista, que é considerado como a "vanguarda da classe trabalhadora". Do mesmo modo, "povo" e "Partido Comunista", significam a mesma coisa.

A passagem acima citada não quis dizer, como muitos leitores ocidentais supuseram, que o Partido Comunista Soviético abandonara a violência para colocar outros partidos comunistas no poder.

Tudo o que quis dizer foi que os partidos comunistas agora tinham uma escolha de métodos — pacífico ou violento conforme as circunstâncias — enquanto anteriormente o dogma supunha que sempre, na etapa final, teria de haver violência.

FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Agourentamente, o relatório de Kruschew ao 20º Congresso do Partido também continha esta referência à América Latina:

“O movimento de libertação nacional ganhou força no Brasil, Chile e outros países latino-americanos”.

Novamente aqui é necessária a interpretação para os não marxistas. Na terminologia marxista, um “movimento de libertação nacional” é o destinado a **libertar** o povo da exploração capitalista e imperialista — isto é — colocá-lo sob o controle comunista.

De fato, Kruschew continuou a montar dois cavalos de uma vez, como os acontecimentos revelaram. De um lado, os partidos comunistas que não se achavam no poder foram aconselhados a renunciar à violência e a adotar a “estrada parlamentar para o socialismo”. Do outro, como vimos no primeiro artigo, Kruschew reafirmava o apoio soviético a **guerras justas** do tipo de libertação nacional.

Os partidos comunistas do mundo receberam suas novas instruções em Moscou em novembro de 1957. **Delegados fraternos** reuniram-se ali, com representantes dos doze partidos comunistas atualmente no poder, para o 40º aniversário da Revolução de Outubro de 1917.

A Declaração final dos doze conclamava os partidos comunistas a usarem táticas de frente popular para conquistar o poder, embora não excluindo a violência se **círculos reacionários** resistissem à transição para o comunismo.

É sabido que a conferência de 1957 adotou propostas soviéticas para uma nova campanha comunista na América Latina.

Imediatamente depois dela, Luís Carlos Prestes, o líder comunista brasileiro, publicamente renunciou à violência revolucionária e conclamou seu partido a procurar uma “estrada parlamentar para o socialismo” (isto é, para o comunismo).

Um ano depois, em novembro de 1957, um membro da comissão central do Partido Soviético, Boris N. Ponomarev, publicou um artigo no órgão **Kommunist** destacando os movimentos comunistas no Brasil e no Chile como entre aqueles que estavam seguindo as diretrizes de 1957 do Partido Soviético.

VIOLÊNCIA E NÃO VIOLÊNCIA

O mais importante acontecimento no mundo comunista desde a Declaração de 1957 foi a disputa entre os partidos soviéticos e chinês. Na verdade, isto agora corresponde a uma segunda guerra fria.

Embora essa disputa seja freqüentemente descrita como uma rixa ideológica, ela realmente diz respeito ao controle e à liderança do movimento comunista mundial, e à fronteira e outras questões entre a Rússia e a China como grandes potências.

Kruschev, que tem armas nucleares, diz que a guerra entre os Estados comunistas e capitalistas não é mais inevitável, enquanto Mao Tsé-Tung, que não tem essas armas, continua a dizer que haverá guerra. Além disso, Mao Tsé-Tung, diz que o comunismo somente virá através da violência, enquanto Kruschev argumenta que a violência pode ser necessária, mas apóia guerras de **libertação nacional** e dá aos comunistas uma escolha entre métodos violentos e não violentos, conforme as circunstâncias.

Seria, portanto, errado extrair muito consólo dos esforços de Kruschev para alcançar um entendimento com os Estados Unidos. Tanto a Rússia como o Ocidente têm interesse em evitar a guerra nuclear, mas a Rússia quer a coexistência pacífica somente para o fim de intensificar a **luta internacional de classe**.

Nem há muito consólo na disputa sino-soviética. Naturalmente, essa disputa enfraquece o movimento comunista, já que os fiéis agora têm que escolher entre dois centros rivais, cada qual alegando possuir a verdade marxista-leninista final.

Mas, na prática, a disputa multiplica o desafio à autoridade de governos legais na América Latina e noutras partes, visto que agentes soviéticos e chineses estão redobrando esforços para demonstrar que somente seu lado tem a receita certa para colocar partidos comunistas locais no poder.

Em geral, os chineses tendem a ser mais ativos do que os russos no apoio a movimentos de **libertação nacional**; mas as provocações chinesas — no mínimo — obrigam os russos a reafirmar seu apoio a tais movimentos, mesmo quando continuam a pressionar com táticas **parlamentares** e de infiltração.

A imagem popular de uma Rússia pacífica e de uma China belicosa é assim enganadora.

A ambivalência da política soviética é particularmente espantosa em Cuba. Tanto Pequim como Moscou alegam ser a revolução cubana uma justificação de suas estradas rivais para o poder.

Os chineses o alegam porque Castro chegou ao poder, como eles fizeram, por meio de um levante camponês (embora o próprio Castro e os outros líderes fossem intelectuais burgueses).

Os russos, porém, podem alegar que o movimento de 26 de julho de Castro não foi, de início, comunista e que passou para o controle comunista porque os comunistas cubanos seguiram as instruções de Moscou apoiando Castro em 1959.

Em maio daquele ano, o líder comunista chileno, Luís Corvalán, de volta de conversações em Moscou e Pequim, disse ao Comitê Central de seu partido que os comunistas devem aliar-se a movimentos burgueses progressistas, tais como o de Castro. Essa política valeu a pena em 1 de dezembro de 1961, quando Castro declarou públicamente que ele era agora um marxista-leninista.

Hoje em dia, Cuba depende ponderavelmente do auxílio econômico e militar soviético; mas a mão direita de Castro, Ernesto Che Guevara, advoga levante na América Latina, e agentes cubanos estão fomentando violência revolucionária na Venezuela, Argentina, Colômbia e noutras partes.

A tardia conversão de Fidel Castro ao marxismo-leninismo, sincera ou não, foi o único grande sucesso comunista na guerra fria durante muitos anos.

Na Indonésia, o partido comunista deu grandes passos desde que adotou métodos legais, mas não se acha no poder. No Iraque, comunistas fizeram progresso sob a ditadura do falecido General Kassem, mas foram reprimidos ferozmente quando ele foi derrubado, em fevereiro de 1963.

Na África, em sua maioria os governos ainda proscrevem o Partido Comunista; na Guiné, o auxílio econômico soviético constituiu um fracasso desastroso; no ex-Congo Belga, todo o corpo diplomático soviético foi por duas vezes expulso.

FLANQUEANDO OS ESTADOS UNIDOS

O inesperado sucesso cubano, porém, deu à União Soviética sua primeira oportunidade real de flanquear os Estados Unidos pela subversão. Isto não pode ser feito na África, no Ocidente Médio e na Ásia.

Desde o surgimento dos Estados Unidos como a mais forte das democracias, a América Latina tem sido potencialmente o mais importante campo de operações comunistas. O sucesso cubano transformou a área, de fato, e não mais potencialmente, no supremo objetivo da estratégia mundial comunista.

O Brasil sem dúvida entrará para a História como um caso clássico de infiltração comunista que esteve muito próximo do sucesso, pelo menos em sua primeira fase de promover a corrupção e a subversão. Evidentemente, a presença de ativos comunistas, simpatizantes ou inocentes úteis em posições-chave nos serviços de imprensa do Governo, na Secretaria presidencial e escolhidos ministérios e autarquias, teria sido impossível sem a conivência, negligência ou simpatia de um Presidente complacente ou pelo menos descuidado. Por outro lado, nada disso teria sido possível sem a interferência subversiva de comunistas estrangeiros agindo segundo uma estratégia preconcebida.

Não é por coincidência que o Embaixador cubano Raul Roa Koury, foi para seu país imediatamente depois que Goulart foi derrubado; tampouco é por coincidência que o Segundo Secretário da Embaixada Tcheca, Zedenek Vita — expulso do Brasil no dia 19 de maio — vinha tentando comprar segredos de Estado a dinheiro.

Ainda em seguida, verificou-se ser a Sociedade de Amigos da União Soviética em Recife, embora ostensivamente um centro cultural, uma célula do Partido Comunista cujos fundos financiavam a subversão em Pernambuco.

Um centro comunista rival, propagando a linha de Pequim, era a Associação Sino-Brasileira, cujo vice-presidente no Rio de Janeiro, Henrique Cordeiro Oest, se refugiou na Embaixada uruguaia. Material de propaganda de ambos os centros rivais do comunismo mundial foi encontrado literalmente às toneladas em Pôrto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Esse pano de fundo para a prisão de nove chineses nos princípios de abril é, naturalmente, em grande parte desconhecido fora do Brasil, embora as próprias prisões tenham sido noticiadas no mundo inteiro.

As autoridades chinesas fizeram extraordinários esforços para conseguir a libertação deles. Isto indica um temor de que os homens possam se desfazer de informação útil — sugestão que pareceu ser confirmada no dia 26 de maio, quando o Ministro da Guerra, General Arthur da Costa e Silva, anunciou numa entrevista pelo rádio que fôra encontrada uma carta que revelava ligações entre os detidos e os líderes do dissidente Partido Comunista pró-chineses, P. C. do B. Cópias de seus relatórios para Pequim também mostraram que eles haviam pago US\$ 3.000 a 16.000 por mês a entidades tais como a União Nacional dos Estudantes (UNE), filiada à União Internacional dos Estudantes, bem como a certos políticos estaduais, deputados e outros funcionários.

No momento, o próprio Brasil parece estar fora de perigo, apesar de apelos para novas violências feitos simultaneamente no dia 11 de maio por Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas (que desde então foi prês), e Leonel Brizola, cunhado do ex-Presidente Goulart.

A ameaça, todavia, continua, tanto no Brasil como noutras partes da América Latina. Como sempre, é uma ameaça dupla e mesmo tripla: dos comunistas de estilo soviético, com seus métodos **constitucionais**, e daqueles que recebem conselhos de Pequim ou Havana e organizam a violência na forma de guerrilhas camponesas ou de terrorismo urbano.

Os seguintes exemplos, escolhidos ao acaso entre acontecimentos recentes, mostram a natureza do problema:

Argentina e Uruguai — Ambos os países se achavam até recentemente livres de atividade guerrilheira, mas campos de treinamento

foram descobertos em ambos nos últimos meses. O uruguaio se acha na Província de Tacuarembó. Os campos argentinos se acham nas Províncias de Córdoba, Jujuy e Salta. O campo de Salta era evidentemente o mais importante; bem equipado de dinheiro, armas e suprimentos médicos de origem cubana.

Colômbia — Uma série de atrocidades com bombas chegou a um clímax no dia 7 de junho, com muitas explosões em Bogotá e outras cidades. Na capital, no dia seguinte, o diretor de investigação criminal observou que a Colômbia parecia defrontar-se com uma organização semelhante às Fuerzas Armadas de Liberación Nacional da Venezuela, controladas pelos comunistas.

Venezuela — A eleição do Presidente Leoni em dezembro último, apesar dos intensos esforços dos terroristas comunistas para impedi-lo, foi uma vitória notável para a democracia. Mas embora tenha sido ganha uma batalha, a própria guerra continua. No dia 6 de junho, a Agência de Notícias Nova China de Pequim (que regularmente noticia atividades guerrilheiras na América Latina) informou que um Movimento Izquierdista Revolucionario da Venezuela, membro da Frente de Liberación Nacional, tinha aprovado uma resolução para novas violências, e assegurando que a "libertação nacional" da Venezuela não podia ser alcançada por meios pacíficos.

Guatemala — Em maio um trem cargueiro foi descarrilhado e linhas telegráficas e telefônicas foram destruídas. As iniciais da Frente Armada Revolucionária (FAR) foram escritas nos muros da cidade de Guatemala, segundo a agência cubana Prensa Latina. A mesma agência citou um comunicado da FAR sobre o 1º de Maio concitando a uma luta até o fim contra "o Exército e seus protetores".

Da Guatemala também vem uma notável e ingênua exposição dos objetivos e métodos comunistas que evidentemente se pretende aplicar à América Latina como um todo.

TÁTICAS PARA A AMÉRICA LATINA

Escrevendo na edição de março na *Revista Marxista Mundial* — o órgão que dissemina a linha de Moscou para os comunistas do mundo inteiro — o principal comunista guatemalteco, Hugo Barrios Klee, louvou a revolução cubana mas observou que ela não precisava ser copiada exatamente noutras partes da América Latina. Os comunistas, escreveu êle, têm que se aliar a outros partidos políticos. Na Guatemala, o "movimento da classe trabalhadora" (isto é, os comunistas) era fraco e o papel principal foi desempenhado por estudantes e outros intelectuais.

Por implicação, Barrios Klee estava assim admitindo que a doutrina comunista tinha pouco atrativo para os trabalhadores e campo-

neses latino-americanos. Prosseguiu, no entanto, para declarar que os comunistas devem organizar o movimento da classe trabalhadora de modo que êle possa dominar seus aliados intelectuais e da classe média e daí tomar o poder.

Isto é exatamente o que aconteceu em Cuba, e constitui uma franca advertência aos intelectuais latino-americanos do que os espera se forem bastante desencaminhados para procurar um futuro na aliança com os comunistas.

Os intelectuais e políticos da classe média chilenos dos Partidos Socialistas e Nacional Democrata que se aliaram aos comunistas para formar a Frente de Acción Popular (FRAP) talvez tenham oportunidade para ponderar sôbre a advertência de Barrios Klee.

O teste virá para o Chile nas eleições de 4 de setembro. O perigo de uma tomada do poder pelos comunistas tornar-se-á evidentemente agudo se o candidato da FRAP, Dr. Salvador Allende, vencer.

Conforme vimos, o perigo está aí e ameaça todos os países da América Latina. A guerra fria na verdade chegou para toda a região, com seus terríveis problemas de explosões demográficas, inflação, instabilidade constitucional e extremos de riqueza e pobreza.

O PERIGO DA COMPLACÊNCIA

Nesses problemas repousa a oportunidade do comunismo. Nêles, também, reside um desafio para aquêles em cujas mãos a riqueza e o poder dos países latino-americanos se acham concentrados.

Se fracassarem em aceitar o desafio, seu fracasso pode constituir a oportunidade do comunismo, e seria talvez preciso toda uma geração para que o horror seja varrido de um Continente com belas tradições de liberdade e cristianismo.

O Brasil foi feliz por dois motivos. O Movimento Comunista dentro do País mostrou ser fraco, pèssimamente organizado e pobremente dirigido, e isto sem dúvida levará seus patrocinadores nos países comunistas a certas medidas disciplinares. Em segundo lugar, e em contraste com Cuba, por exemplo, as forças democráticas mostraram ser de bases sadias e amplas, e a Nação encontrou liderança alerta, bem informada e capaz para deter o insidioso progresso da desintegração social e política que tantas vèzes tem sido a preliminar para o triunfo do inimigo. O Brasil tem uma pausa para fortalecer suas defesas e fazer progredir suas instituições antes do próximo ataque. Que outra tentativa será feita não pode duvidar, já que o Brasil é um País que domina um dos continentes onde os comunistas, desde seus graves reverses na Europa, decidiram concentrar seus esforços.

A chefia exerce-se sôbre a mente.

Gen W.B. Palmer

A honra é a consciência, mas a consciência exaltada. É o respeito de si mesmo e da beleza da própria vida levada à mais pura elevação e até à paixão mais ardente.

Alfred de Vigny

Os melhores chefes são aquêles que melhor conhecem o homem, o homem de hoje e o da História.

Ardant du Picq

A DEFESA NACIONAL é a **sua** Revista de estudos e debates profissionais. É a **sua** **tribuna**. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!

As três qualidades mais importantes de um chefe são: coragem, inteligência e saúde.

Marechal de Saxe

A minha espada não tem partido.

Caxias